
**“GISELLE” E “HISTÓRIAS DE AMOR DURAM APENAS 90 MINUTOS”,
MAIS QUE HISTÓRIAS DE AMOR: PRÁTICAS HOMOERÓTICAS NO
IMAGINÁRIO MIDIÁTICO**

Isabela Silva Nóbrega¹
Graduanda no Curso de História – UEPB/CH
nobrebela@yahoo.com.br
Elisa Mariana Medeiros Nóbrega²
Orientadora
elisammn@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Há algum tempo a historiografia vem se tornando um terreno fecundo para o estudo de gênero, das relações homofóbicas e homoeróticas, proporcionada pelos Estudos Culturais.

As pesquisas acerca das sensibilidades homoafetivas tiveram seu início no Brasil a partir da década de 70 com a repercussão da contracultura, que promoveu (re) significações sobre a sexualidade e sobre as políticas de gênero, fazendo emergir neste período uma espécie de revolução dos costumes. Isto ocorreu como que numa ação conjunta com o movimento feminista, o movimento negro, entre outros, em defesa de um maior espaço para sua construção identitária e do fim da opressão e da violência contra as mesmas.

Este artigo intenciona colaborar com os debates acadêmicos sobre gênero, homofobia e homoerotismo, uma das metas do projeto de pesquisa PIBIC: “HISTÓRIA, MÍDIA E IDENTIDADE: A HOMOFOBIA E O HOMEROTISMO NA TV E NO CINEMA BRASILEIROS (1960-2008)”. Nesta perspectiva, temos como objetos de análise, as obras cinematográficas de produção nacional *Giselle* (MELLO, 1980) e *Histórias de amor duram apenas 90 minutos* (HALM, 2010), como também textos historiográficos, passíveis de análise a respeito das rupturas com os padrões heteronormativos, práticas homofóbicas, novas formas de sentir, viver e amar homoeróticas e

¹Estudante de Graduação no curso de Licenciatura em História e pesquisadora de PIBIC/CNPq, UEPB/CH.

² Professora Doutora pela UFPE e orientadora do projeto HISTÓRIA, MÍDIA E IDENTIDADE: A HOMOFOBIA E O HOMEROTISMO NA TV E NO CINEMA BRASILEIROS (1960-2008) financiado pelo CNPq, na UEPB/CH.

de suas representações imagéticas, desta feita nosso objetivo é apreender os conflitos surgidos a partir das transformações de alguns valores morais históricos e sócio-culturalmente construídos.

Estas obras permitem-nos questionar sobre a influência de uma cultura fálica que corrobora com a discriminação pela orientação sexual (homofobia), e conflita com as novas representações da homoafetividade na contemporaneidade. Num exercício reflexivo sobre as representações midiáticas, cinemáticas, visualizamos um processo de higienização dos homossexuais, quando não aparecem por demais caricaturados. Nesse sentido, a orientação metodológica está ancorada em autores como Roger Chartier, Judith Butler, Guacira Lopes Louro, entre outros.

METODOLOGIA

Toda a produção histórica é realizada por fundamentos teórico-metodológicos específicos. O nosso trabalho se registra no campo da História Cultural, que partir da década de 1960 buscavam (re) direcionar a história às pessoas reais, na tentativa de compreender seu cotidiano, com ênfase na construção identitária de grupos que eram postos à margem da sociedade: operários, negros, homossexuais e mulheres. Neste período há uma explosão dos movimentos homossexual e feminista na Europa e nos Estados Unidos, sobrevém uma grande reviravolta social em decorrência revolução sexual e das transformações políticas. No campo intelectual as universidades abriram suas portas para grupos de reflexão sobre estes temas e incentivavam trabalhos e monografias. No Brasil só começamos a sentir estas transformações nas décadas de 1970-80.

Neste movimento de renovação historiográfica há uma transformação no tocante as possibilidades teórico-metodológicas, que tem como resultado, entre outros, a ampliação do conceito de documento que passa a ser considerado um monumento, ou seja, é preciso que identifiquemos como documento outras fontes além das escritas como, por exemplo, os filmes, as fotografias, os inventários, os diários. Enfim, tudo aquilo que pode evocar o passado e fazer com que estes novos documentos sejam tratados como *documento/monumento*. Para compreendê-lo, enquanto monumento,

temos que desconstruí-lo para perceber o contexto que ele está inserido e a sensibilidade que o constituiu.

Aplicamos na construção deste trabalho teorias pós-estruturalistas e os estudos *queer*, pois nos permitem analisar as relações de poder que demarcam o lugar dos indivíduos e promovem dualismo entre o normal e anormal, moral e imoral, de forma a evidenciar o “diferente” e os processos pelo qual o “outro” se tornou diferente. No que concerne a dicotomia estabelecida entre heterossexual/homossexual, os estudos *queer*, nos oferecem possibilidades para pensar a interconexão entre ambas “as relações os saberes e o heterossexismo, as intersecções entre identidades e política além da formação de uma grande variedade de culturas sexuais” (MISKOLCI e SIMÕES, 2007 p.17).

As mídias cinematográficas nos oferecem uma gama de produções nas quais verificamos, por intermédio das imagens que nos são transmitidas, como são produzidas representações de um dado contexto histórico a partir de uma linguagem singular.

Utilizamos a mídia cinemática como fonte de pesquisa, para poder analisar as representações da homossexualidade feminina em *Giselle* (1980) e *Histórias de amor duram apenas 90 minutos* (2010), pois nos serviram de fonte valiosa sobre a ideologia, os comportamentos sociais, as visões de mundo, os discursos sobre o que é *normal* e *anormal*, o que é *permissível* e *intolerável* nas práticas homoafetivas.

DISCUSSÃO

Empreendemos esta pesquisa para analisar como a homossexualidade é discursivamente produzida e reproduzida pela *mass media*, em busca de um melhor entendimento acerca dos conflitos, das tramas que se desenvolvem a partir da edificação “moral” da sexualidade, com a construção identitária e sua representação na mídia cinemática.

O cinema brasileiro nas décadas de 1970-80 é o meio de transmissão de campanhas políticas que expressam os valores morais da sociedade enaltecendo uma ideologia hetero-nomativa, que compreende indivíduos brancos, pertencentes a uma classe média, cristã, heterossexuais, que preservando o seu modelo de família nuclear. Por outro lado, há neste momento um aumento da produção cinematográfica nacional

que visava “popularizar” o cinema. Influenciado pelas produções pornográficas europeias, proliferaram no Brasil obras cujos propósitos eram dar visibilidade a alguns grupos sociais que buscavam reconhecimento, inclusão e igualdade social, com destaque, sobretudo, para o movimento homossexual.

As películas *Giselle* (MELLO, 1980) e *Histórias do amor duram apenas 90 minutos* (HALM, 2010) permitem-nos analisar os *bastidores* do palco social através de uma *poética de escombros*, desta forma codificamos a linguagem dos sujeitos anônimos que se tornam signos de transgressão da moral e dos costumes, na medida em que suas atitudes se opõem aos padrões normativos na construção de identidades e sexualidades em determinado momento histórico.

Intuímos nestas obras como as representações do real, figura nos personagens, sobretudo de *Giselle*, de forma velada, a imposição de uma identidade que é delimitada, sem espaço para exercer seus modos/direitos de sentir, viver e amar. De todo modo, o imaginário midiático é circunscrito em políticas afirmativas.

Em *Giselle* há um duplo da representação, se por um lado, ele demonstra a liberdade sexual, por expressar o homoerotismo, as novas formas de amar entre as personagens femininas e põe em xeque o paradigma familiar nuclear, por outro lado, faz uma forte crítica conservadora, pois a partir da representação que as personagens encarregam-se criar sobre si para a sociedade não condiz com a maneira que pensam e agem, assim, denota o quão a sociedade é arraigada de princípios excludentes, a homofobia aparece como uma prática punitiva que deve ser aceita e silenciada. Há de certo modo, uma política de repressão e punição pela orientação sexual.

Podemos verificar a autoridade de instituir padrões hetero-normativos e punitivos que os discursos presentes na obra de Victor di Mello (1980) produz:

Giselle narra a saga urbana de uma família, cuja decadência moral e física, torna-se incontrolável. Giselle, uma ‘menina-mulher-cabeça’ (Alba Valéria), de apenas 15 anos, filha do ‘fazendeiro’ (Nildo Parente), ao voltar de uma temporada na Europa, reacende o desembaraço sexual de sua tia (Maria Lúcia Dahl), pela sobrinha. Expõe a indisfarçável entrega de seu jovem primo (Ricardo Faria) às fantasias do prazer e detona a fúria voluptuosa do capataz da fazenda, (Carlo Mossy) de tal forma que, nada, absolutamente nada, poderá frear os desejos desses insólitos e ‘pecaminosos’ personagens, tamanha sua lubricidade. (<http://entrefilmes.blogspot.com/2009/08/giselle-1980.html>)

Esta descrição nos dá uma idéia de como foi, e continua sendo, a aceitação destes temas que desestabilizam a ordem social causa incomoda e gera preconceito, justificando, assim a homofobia, a violência e opressão.

O comportamento sexual de determinados personagens, a exemplo do pai de Giselle, um homem “acima de qualquer suspeita”, casado, com estabilidade financeira, embora escondesse um “segredo”, sua opção sexual, a prática de pedofilia que cometia, este personagem representa desde a década de 80 aos dias atuais uma conduta social de que Sedgwick chama de *epistemologia do armário*, esta é posta em *escala muito mais ampla e com uma inflexão menos honorífica*, desta maneira *a epistemologia do armário também tem sido produtora incansável da cultura e história do ocidente como um todo* (SEDGWICK, 2007).

Histórias de amor duram apenas 90 minutos surge como um meio de se perceber como “O erotismo pode ser traduzido no prazer e na energia dirigidos a múltiplas dimensões da existência” (LOURO, 2001). Através da literatura a personagem Zeca cria uma representação do real que ele constitui sua visão de mundo. A obra não se propõe a construir espaços de construção das identidades, mais que isso, através de seus personagens nos faz interpelar acerca das efêmeras relações afetivas na pós-modernidade, nos traz um olhar diferente sobre o “outro”, uma vez que podemos enxergar no oposto, o diferente, contemplarmos o multiculturalismo, que perpassa a divisão de gênero e classes.

A discussão de Halm acerca da efemeridade dos relacionamentos nos proporciona uma reflexão sobre a busca de uma identidade fixa, que faz com que os sujeitos reinventem tradições, rituais, comportamentos e conceitos para se relacionar. Ela expõe a diversidades dos atores sociais, que vivem numa multiplicidade de tempo e de espaço, portanto em constante transformação, ou melhor, construção. Dessa forma, percebemos que as interpretações sobre nós também são variáveis, ficando assim impossível caracterizar o nosso “eu”, distinguir uma identidade fixa que nos determine. Contudo, podemos dizer que somos atores representando os desejos, os conflitos, as paixões, as inseguranças e os medos, numa busca incessante para entender e explicar quem somos.

A questão neste filme vai para além da busca de identidade, ela instaura-se no campo epistemológico, onde podemos problematizar questões como a homofobia, as

sexualidades feminina e masculina, a inversão da relação de dominação de gênero, a relação monogâmica. O homoerotismo recebe destaque, pois é após a “descoberta” da relação homoafetiva entre as personagens Júlia (Maria Ribeiro) e Carol (Luz Cipriota), que a trama se desenvolve.

CONCLUSÕES

Através de uma análise histórica acerca do imaginário midiático, no presente trabalho na mídia cinemática, observamos como a produção de personagens e de narrativas sobre os homossexuais trazem à luz as práticas homoeróticas e seus embates com os padrões heteronormativos, constituindo assim a identidade de um grupo de indivíduos, bem como suas representações culturais que integram a memória coletiva.

Nesse sentido, a história cultural da homofobia está em consonância com a metodologia e a teoria que propõe o rompimento com o paradigma social heterossexista, a saber, os estudos queer e as produções baseadas na tradição historiográfica francesa, e nos possibilitam uma análise histórica do amor homoerótico e da homofobia, através da reflexão das representações imagéticas de personagens do cinema nacional.

As obras analisadas nos permitem problematizar os conceitos dualísticos de masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual, e explicitam uma imagem das práticas homoeróticas com personagens que não estabelecem limites ou divisões, e decidem viver a ambigüidade das suas próprias identidades sexuais.

Almejamos contribuir com o debate sobre as relações pós modernas, de forma que seja evidenciada a compreensão dos discursos, e das apropriações que se fazem deles, acerca do homoerotismo, permitindo figurar as maneiras como os sujeitos são afetados por estes no limiar das construções identitárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LOURO, **Guacira Lopes**. Teoria queer – Uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas, vol.9 no.2 Florianópolis 2001.**
- MISKOLCI, Richard; **SIMÕES**, Júlio Assis. **Dossiê Sexualidades Disparatadas.** Cadernos pagu (28), Campinas, Jan./Jun 2007.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário . Cadernos pagu (28),
Campinas, Jan./Jun 2007.